

CONSTRUINDO UM AMBIENTE MULTICULTURAL PARA APRENDIZAGEM, INOVAÇÃO E PESQUISA CIENTÍFICA: BREVES NOTAS PARA UM APROFUNDAMENTO FUTURO

João Carlos Correia
Universidade da Beira Interior
jcorreia@ubi.pt

Resumo: Partindo das ligações entre ciência e turismo, procura-se estabelecer um projeto de indução de fluxos turísticos motivados por atividades científicas, considerando as características institucionais e ambientais envolventes da Beira Interior, na Serra da Estrela. De acordo com a abordagem aqui defendida, as práticas científicas e de pesquisa e turismo podem estabelecer fortes sinergias, gerando vantagens recíprocas na criação de um ambiente multicultural de pesquisa científica.

Palavras-chave: turismo, ciência, pesquisa, multiculturalismo, ambientes científicos multiculturais.

Building a multicultural environment for learning, innovation and scientific research: brief notes for a future development

Abstract: Starting from the connections between science and tourism, one tries to establish a project to induce touristic fluxes motivated by scientific activities, considering the surrounding institutional and environmental features from Beira Interior, Serra da Estrela. According to the supported

approach, scientific practices and research and tourism may establish strong synergies, generating reciprocal advantages in the consolidation of a multicultural scientific environment.

Keywords: tourism, science, research, multiculturalism, multicultural scientific environments.

1.

O turismo científico ou induzido por atividades de investigação científica é entendido por muitos como uma subdivisão do turismo cultural.

Nesta perspectiva, pode ser entendido de duas formas:

1. Os fluxos e deslocamentos induzidos pela necessidade de realização de estudos e pesquisas científicas, percebida como sendo a viagem de um cientista na busca de sua pesquisa de campo.
2. Os fluxos e deslocamentos suscitados por Congressos e outras iniciativas que visam a partilha de conhecimentos num campo epistemológico específico.

Ou seja, a própria região faz parte do objeto de estudo ou, em alternativa, pode ser um ponto de encontro para a realização de um estudo por motivos diversos: centralidade, infraestruturas de apoio, etc.

Numa visão mais abrangente, o turismo induzido por atividades científicas abrange estas e outras modalidades:

O estudo feito por Mao & Bourlon (2011) identificou: a) de que forma o termo turismo científico é usado; b) qual o grau de dimensão científica presente em cada uma das formas de turismo. São assim tidas em conta quatro diferentes situações em que este termo pode ser utilizado: turismo de aventura com dimensão científica, turismo cultural com conteúdo científico, eco voluntariado científico e turismo de investigação científica.

O turismo de aventura com dimensão científica implica a conjugação entre a componente científica e a de aventura ou de exploração de um determinado

território. Ou seja, neste tipo de turismo a ciência tem um papel mais complementar face à descoberta/aventura (Mao & Bourlon, 2011). Os principais exemplos são as explorações, escavações, alpinismo, ou a própria espeleologia, entendendo esta como a ciência que estuda as cavidades naturais (cavernas) e outros fenómenos cársticos, estudando sua formação, constituição, características físicas, formas de vida e sua evolução ao longo do tempo. Está ligada, intimamente, às outras ciências, como Geologia, Geografia, Biologia, Hidrologia, etc. (Dicionário Informal, entrada espeleologia).

O turismo cultural com conteúdo científico emerge como segunda forma de turismo científico. Consiste em viagens educativas, com dimensão patrimonial e cultural, em torno de um tema científico (Mao & Bourlon, 2011). O ecoturismo é um dos exemplos deste tipo de turismo dado que, segundo Breton (2004), é um tipo de turismo científico e cultural onde são feitas descobertas e explorações e existem ainda momentos de recreação.

O eco voluntariado científico é bastante similar à definição anterior, mas apela a uma participação ativa e direta do turista/voluntário na atividade de investigação científica (Mao & Bourlon, 2011). De acordo com Baillet & Berge (2009), como parte do eco voluntariado, os turistas participam na componente de pesquisa e de proteção e conservação, sendo esta uma forma de turismo sustentável não só pela ligação ao meio-ambiente, mas também pela contribuição das organizações locais. Alguns exemplos deste tipo de turismo incluem: vigilância em áreas protegidas, limpeza de florestas, observação de espécimes entre outros.

O turismo de pesquisa científica engloba todos os que viajam por razões de trabalho de teor científico, nomeadamente, congressos, seminários, explorações no terreno, entre outros (Mao & Bourlon, 2011). Este tipo de turismo está normalmente associado a universidades, centros de investigação e cooperação científica, workshops, residências criativas no caso específico de áreas de saber com vocação experimental ou artística, eventos sazonais com a convocatória internacional de especialistas, sendo praticado maioritariamente por docentes e investigadores.

Os tipos de turismo com uma dimensão científica mais forte são o turismo de pesquisa científica e o eco voluntariado. Por outro lado, o turismo de aventura com dimensão científica e o turismo de pesquisa científica implicam uma maior participação da pessoa envolvida na construção do produto/programa.

Estas modalidades não são estanques, pois há componentes de umas que se podem implicar noutras. Por exemplo, o Turismo de Aventura com dimensão científica pode, numa região como a nossa, ser um complemento e até, grosso modo, um auxiliar do turismo de pesquisa científica. Basta, para tal, recordar alguns elementos da famosa Expedição Científica à Serra da Estrela que reproduziu algumas das características das aventuras geográficas de natureza colonial de finais do século XIX (ver a propósito o anexo).

Porém, é no turismo de pesquisa científica que focaremos o nosso interesse principal, reconhecendo que este implica várias exigências:

- a. Implica, desde logo, que a Universidade ou Instituição de Ensino Superior tenha identificado um conjunto de áreas de investigação científica em torno das quais se justifique a existência de infraestruturas de acolhimento e a criação de um ambiente de convergência multicultural que eventualmente mobilize a presença de investigadores de diferentes áreas geográficas.
- b. Implica, também, a exploração de condições identificadas no ambiente envolvente da instituição de acolhimento que se tornem elas próprias, objeto de estudo. Tal seria o caso, da Serra da Estrela em torno de áreas como as Ciências da Saúde, Química, Espeleologia, Mineralogia e outras ciências que se debruçam sobre objetos de estudo mais diretamente relacionados com a natureza, (grutas naturais, relevo, orografia, águas, flora, clima), as Ciências Sociais e da Cultura, Etnografia, Antropologia, Arqueologia Industrial e outras (que se identificam sobre as identidades de diferentes culturas únicas como sejam aquelas ligadas à memória têxtil e à memória judaica, a memória da pastorícia e a formas de património material e imaterial que lhe estejam associadas), entre muitas

que uma área de forte riqueza paisagística e caracterizada pela riqueza de tradições e pelo passado de contextos económicos, sociais, culturais e históricos diversos podem convocar.

Nesse sentido, a exploração turística é uma componente específica de um conjunto de atitudes perante a região que mobiliza o fluxo de estadas de curta, média ou longa duração induzidas por atividades científicas e acrescentamos nós, por um conjunto de atividades em que a própria exigência de um ambiente multicultural desempenha um papel crucial. Nesse sentido, sossegar-se-ão os mais preconceituosos e os mais desconfiados quando se insiste no facto de que o turismo induzido por atividades científicas só terá a ganhar se o contrário se verificar: o turismo induzido por atividades científicas implicar, perdoe-se e o trocadilho fácil, actividades científicas induzidas por fluxos turísticos.

Neste contexto, o multiculturalismo é uma mais-valia que surge pelo próprio posicionamento de Portugal como País de Fronteira: próximo de Espanha, País atlântico e quase-mediterrânico, ligado a solidamente à Europa, mas ligado de modo relevante a um conjunto de países com quem partilha uma língua falada idêntica e que se espraia por três Continentes, embora com intensidades diversas no que respeita à proximidade.

2.

Pensem em formas de encarar a realidade social apresentadas por William James e Alfred Schutz. No olhar destes pensadores, o conhecimento é diverso consoante a atitude de quem o procura: logo, existem tantas províncias de significado finito quantas as diversas formas de consciência estabelecidas no decurso uma relação com a realidade. Ao longo do dia é possível encontrar diversas províncias de significado finito, que divergem consoante o tipo específico de relação que se estabelece entre a consciência e o mundo. Por exemplo, citando Schutz, peritos (especialistas), homens da rua (ordinary man) e cidadãos bem informados destacam sistemas de relevância diferentes.

Baseando-se sobre a discussão de William James acerca do sentido da realidade, Schutz sustenta que há várias províncias de significado finitas no mundo da vida. Cada um de nós entra em cada um dessas províncias como o universo das fantasias, o mundo dos sonhos, a experiência teatral, a experiência religiosa ou contemplação teórica assumindo diferentes tipos de atitude ou de época consoante adormece, emerge na contemplação teatral quando a cortina sobe, inicia um ritual ou adota o ponto de vista de um cientista.

“A origem de toda a realidade prática ou absoluta somos nós mesmos. Consequentemente, existem, provavelmente, um infinito número de várias ordens da realidade, cada uma das quais com o seu estilo de existência pessoal e separado, chamadas por James de subuniversos. Entre elas contam-se o mundo dos sentidos ou das coisas físicas tal como são experimentadas pelo senso comum; o mundo da ciência; o mundo das relações ideais, o mundo dos “ídolos da tribo”; os mundos sobrenaturais como o céu e o inferno cristãos; os numerosos mundos da opinião individual; e, finalmente, os mundos da alegre loucura, também infinitamente vários” (Schutz, 1962, p. 204).

Deste modo, a concepção de realidades múltiplas aparece profundamente associada aos diferentes modos que pode tomar a relação entre consciência e mundo e os diferentes modos de experiência humana que caracteriza a presença no mundo.

Esta pluralidade de atitudes perante a realidade pode ser importante para a compreensão não apenas da segmentação, mas da complexidade.. O perito que se desloca às actividades científicas longe de sua casa percorre várias províncias de significado finito. Um mesmo cidadão pode entrar num restaurante e pode adoptar diversas atitudes:

- A de um consumidor desinteressado que busca saciar a sua fome.
- A de um jornalista especializado em gastronomia que atribui uma relevância distinta ao ato de degustar a sua refeição;
- A de um gastrónomo amador que compara com curiosidade diferentes tipos de alimentação.

- A de um perito em Antropologia que busca diferentes formas de entender um prato específico num conjunto unificado e integrado de valores, artefactos e costumes que se chama cultura no sentido antropológico.

Esta diversidade de atitudes é potenciada pelo facto de investigador científico não ser sempre um investigador científico e viver, também, naquilo que muitos designam por atitude natural e por isso, ao longo da sua estada, poder deparar com necessidades diversas: de lazer, de entretenimento e de cultura.

Ora, este diferente conjunto de atitudes pode ser objeto de uma abordagem meramente influenciada pelo marketing. Mas se as ciências da Administração, da Gestão e do Marketing têm, certamente, uma complexidade que admite a especificidade do produto e do serviço, há questões epistemológicas que aconselham ir por outros caminhos adicionais numa abordagem integrada. Ou seja; é necessário ter em conta as motivações que induzem os turistas e os pesquisadores reconhecendo que um turista pode deslocar-se por lazer, mas identificar, devido à sua profissão, objetos de atração que o aproximam da sua condição profissional de homem de ciência. Mas o homem de ciência que se desloca em viagem não desliga do seu mundo-da-vida: quer interagir com o contexto de vida quotidiana envolvente, de uma forma que lhe dê prazer e novas experiências.

3.

Dentro das exigências temáticas do turismo induzido por atividades científicas é ainda importante mencionar o conceito de meeting industry e social networking. Conforme a Organização Mundial do Turismo (UNWTO), a Reed Travel Exhibitions, International Congress and Convention Association (ICCA) e Management Partnership International (MPI), a meeting industry inclui convenções, conferências, congressos, feiras, eventos de incentivos, reuniões de negócios e outras reuniões que incluem a prática das atividades acima mencionadas (World Tourism Organization, 2014).

A International Congress and Convention Association (ICCA) representa diversas organizações ligadas ao turismo científico tais como gabinetes de convenções, locais de eventos, empresas de organização de eventos, entre outros fornecedores de serviços para a meeting industry. A ICCA é a única associação internacional especializada na meeting industry a nível internacional e há mais de 50 anos que acompanha esta indústria (International Congress and Convention Association, 2013).

A meeting industry (MI) inclui todo o tipo de viagens cuja principal motivação é participar/assistir a uma reunião (THR, 2006). As reuniões associativas são convocadas por organizações nacionais ou internacionais, associações e organismos públicos e incluem congressos, assembleias, conferências, encontros, fóruns, simpósios, convenções, jornadas, seminários, apresentações, cursos, workshops entre outros (International Congress and Convention Association, 2013).

Tendo em conta esta dimensão, a Universidade deve potenciar os seus públicos-alvo diversos eventos e atividades com objetivo de criar uma relação de proximidade à Universidade e à cidade do Região da Beira Interior. Nesse sentido, entende-se que é importante acrescentar mais esforço ao esforço já desenvolvido de atrair os participantes a eventos que devem ser organizados em conjunto com as estruturas orgânicas da Universidade, como o Gabinete de Relações Públicas (GRP); coordenadores e gabinetes de mobilidade, alguns departamentos das Câmaras Municipais do Região da Beira Interior e ainda instituições como o Erasmus Students Network bem como o movimento associativo relevante para as áreas em apreço. Trata-se, sobretudo, de pensar estrategicamente mas em rede.

4.

Um dos resultados da reflexão aqui apresentada que, sublinho, não pretende ser a de um especialista, embora enfoque duas áreas a que as Ciências da Comunicação dão um interesse bastante grande: Cultura e Comunicação de Ciência. O principal objetivo estratégico de um plano que contemple a possibilidade de incrementar os fluxos turísticos induzidos por atividades

científicas deve ser a experimentação e o lançamento de estratégias comunicativas que ajudem o território interior português a tornar-se se um ambiente multicultural para a aprendizagem, a inovação e a pesquisa científica, com maior atratividade para a internacionalização no domínio do ensino superior, inovação e pesquisa científica.

Os objetivos de um plano deste jaez seriam:

- a. A divulgação internacional de pesquisas realizadas no interior de Portugal.
- b. Atrair estudantes, pesquisadores e académicos de todo o mundo em clusters científicos identificados anteriormente.
- c. Fornecer informações sobre as possibilidades e oportunidades oferecidas pelas escolas envolvidas no projeto
- d. Promover o conceito de um ambiente multicultural para a aprendizagem, inovação e investigação científica no interior de Portugal.
- e. Fortalecer os laços entre estudantes, pesquisadores, palestrantes e estudiosos que estão a estudar no interior de Portugal.
- f. Criar um fluxo sustentável de turismo induzido por atividades científicas.
- g. Desenvolver um conjunto de atividades científicas dirigidas a estudiosos que sofram de necessidades humanitárias relacionadas com a Crise dos Refugiados, numa lógica que promove a responsabilidade social da instituição universitária.
- h. Divulgar, em conjugação com o ponto g), os valores da Europa como uma sociedade inclusiva e inovadora.
- i. Identificar um objeto ou objetos que permitam a criação de redes interdisciplinares e multiculturais: rede de Universidades em cidades de montanha, com exploração das componentes sociais, culturais, identitárias e científico –naturais; cidades têxteis; cidades de fronteira.

Para alcançar esse objetivo, recorrer-se-ia as estratégias seguintes:

- a. Desenvolvimento de estratégias comunicativas para implementar a divulgação no nível internacional de pesquisa e seus resultados, na Região Centro, mobilizando recursos de Universidades e Escolas Politécnicas, envolvidas por este projecto.

- b. Desenvolvimento de estratégias comunicativas para atrair estudantes, e pesquisadores de todo o mundo, particularmente da Europa, da Lusofonia e do mundo ibérico, desenvolvendo reuniões, revistas e plataformas que apoiem pesquisas comuns, seguindo a identificação prévia de clusters científicos existentes nas escolas envolvido no projeto. Em suma, desenvolver-se-ia uma estratégia de lançamento de redes.
- c. Desenvolvimento de estratégias comunicativas para atrair estudantes e pesquisadores com raízes nas comunidades emigrantes portuguesas espalhadas pelo mundo. Os filhos dos emigrantes portugueses poderão estar atraídos pelas Universidades dos países de acolhimento, mas a criação programas específicos que favoreçam a realização de um período de estudo numa universidade do seu país de origem ou de seus antecessores podem ser um fator de atração adicional.

Através das estratégias comunicativas referidas em a) e b), entende-se:

c.1. O lançamento de uma Revista de Educação Superior on-line e off-line usando estratégias de jornalismo de serviços que forneçam informações sobre as possibilidades e oportunidades oferecidas pelas escolas envolvidas no Projecto;

c.2. Para evitar uma abordagem reducionista na “venda de um destino” seriam lançados documentários web disseminados por plataformas digitais criados por estudantes e investigadores provenientes do exterior que focalizam a vida cotidiana no interior de Portugal, seus problemas, experiências, vantagens e oportunidades. Nesse sentido, recorrer-se-ia aos próprios protagonistas de experiências semelhantes.

c.3 Fazer o cruzamento de referências identitárias como o núcleo dessas estratégias, utilizando os recursos, experiências e conhecimentos dos estudantes estrangeiros, pesquisadores e académicos que atualmente se encontram na região.

- d. Lançar uma Escola de Estudos Multicultural que junte pessoas da Europa, Ásia, América e Canadá, Ásia e Lusofonia. Esta escola multicultural terá o contributo e o conselho dos diferentes agentes académicos que estão trabalhando, pesquisando e estudando na Universidade da Beira Interior. Esta Escola multicultural sê-lo-ia não apenas pela presença de culturas provenientes do exterior, mas também contemplaria a diversidade e respetiva identidade das regiões portuguesas.
- e. Desenvolver eventos culturais e sociais que fortaleçam os laços entre estudantes, pesquisadores, palestrantes e estudiosos que estão no exterior e que estudam no interior de Portugal. Um dos modelos deste tipo de eventos poderia ser a reprodução da Expedição à Serra da Estrela de 1881, o qual constitui um misto de Turismo de Aventura com Turismo de Pesquisa Científica, incluindo desde a dimensão histórica e patrimonial até à dimensão científico-natural (ver o anexo).
- f. Identificar, em com outras escolas, clusters científicos específicos e desenvolver estratégias comunicativas para disseminar e promover envolventes culturais e científicos que mobilizem pesquisadores de diferentes culturas, por períodos curtos, para gerar fluxos sustentáveis de Turismo induzidos por atividades científicas.
- g. Promover a pesquisa junto de estudiosos estrangeiros em Portugal, particularmente no interior, identificando suas necessidades e o motivo de suas escolhas.
- h. Promover uma pesquisa com instituições que trabalha com refugiados e também com emigrantes no exterior que pretendam regressar para identificar possíveis necessidades.

- i. Mobilizar associações e autarquias para integrarem este projecto numa lógica de promoção de facilidades de estadia, de lançamento de oportunidades para parcerias e acordos de geminação que contemplem a participação académica.

5. Vantagens e oportunidades

1. Experiência

- a. O know-how do Labcom.IFP e sua experiência com o compromisso com um projeto que tem a disseminação da ciência e a internacionalização como seus pilares (consignados no recente projeto de reestruturação).
- b. A existência anterior de projetos relacionados com os itens de Comunicação de Ciência.
- c. A existência de um know-how e experiência anteriores ao lado da Lusofonia (BOCC).
- d. A existência no Labcom de estruturas orientadas para a promoção e disseminação da Ciência.
- e. A existência de periódicos científicos multilíngues e multiculturais.
- f. A experiência do Labcom nos dois projetos europeus H2020 ao nível do pacote de trabalho relacionado à comunicação e divulgação de projetos: projetos “Living Book” e EmaDes.
- g. O know-how em áreas estratégicas de a) Comunicação da Ciência; b) jornalismo; c) Documentário; d) Cultura e identidades; e Comunicação Intercultural; e) Média on-line.

2. A atitude aberta e pró-ativa da Universidade da Beira Interior em direção à internacionalização.

3. As vantagens de estudar no interior de Portugal.

- Boas instalações da saúde
- Boas infraestruturas de educação.
- O baixo custo de vida.
- A possibilidade de desfrutar de um ambiente tranquilo e seguro.

- A existência de numerosos espaços desabitado, urbanos e semiurbanos que podem ser objecto de propostas criativas e inteligentes, como sejam hosteis-oficina.
- A tolerância em relação à diversidade de culturas, costumes e estilos de vida.

Como elementos negativos destaquem-se.

- a. A passividade e a inércia em face das oportunidades existentes, velha pecha de qualquer sociedade civil fragilizada que quase sempre gera um empreendedorismo de decreto.
- b. A dificuldade em articular o presente universitário com as memórias da Região e a consequente dificuldade em mobilizar as vontades das populações na criação participada de um ambiente orientado para o acolhimento.
- c. A dificuldade em aceitar boas ideias provenientes da população não universitária e a falta de espaços de encontro entre a população, a Universidade e, particularmente, com os sectores que migram para estudarem, pesquisarem, ensinarem e aprenderem.
- d. A inexistência de uma actividades planeada e integrada para proporcionar aos estudantes portugueses encontros de culturas, mesmo no âmbito da sua Universidade de origem. É importante verificar como os estudantes portugueses vêm a presença de imigrantes estrangeiros.

6. Conclusão

A interculturalidade, a diversidade e a responsabilidade social são, conceitos-fetiche, isto é, usam-se como se a sua invocação tivesse poderes mágicos que, por si só, atraíssem pessoas e resolvessem debilidades estruturais. Como todos os conceitos, para serem operacionais e transformarem a realidade, não se podem limitar à sua invocação. Exigem uma definição rigorosa de objectivos, o planeamento cuidadoso das estratégias, a participação dos interessados e a avaliação crítica dos resultados.

Por outro lado, a ambição que motiva este projecto não pode sediar-se numa escola, mas tem que mobilizar ideias provenientes de escolas diversas, isto é, ser transdisciplinar, e incluir a sabedoria proveniente do senso comum das populações, das associações, dos empresários, dos espaços de cidadania e das autarquias.

Finalmente, parece redutor imaginar que este projecto terá uma arquitetura perfeita sob a forma de uma catedral. Antes se parecerá com uma rede não apenas pela sua ausência de linearidade, mas pelo próprio processo de aprendizagem no sentido, em que, provavelmente, este terá de ir de mão-dadas com tentativa e erro, com um sentido experimental, e com a noção de que as avenidas largas não devem esconder os caminhos das margens, os desvios e as encruzilhadas.

7. Referências

- Baillet, C. & Berge, O. (2009). Comprendre l'expérience de l'éco-voluntariat: une approche par la valeur de consommation. *Deuxième Colloque International sur les Tendances du Tourisme*, 22.
- Breton, J.-M. (2004). Paradigme d'écotourisme et sociétés traditionnelles en mutation: le cas de l'outre-mer français. *Tóros*, 23 (2), 54-60.
- International Congress and Convention Association (2013). A Modern History of International Association Meetings 1963-2012. Netherlands.
- Mao, P. & Bourlon, F. (2011). Le tourisme scientifique: un essai de définition. *Tóros*, 30 (2), 94-104.
- Pinto, Helena Gonçalves, *A expedição científica à serra da Estrela de 1881 revisitada*. Em Diário de Notícias 13 de Maio De 2012. Retirado de: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/a-expedicao-cientifica-a-serra-da-estrela-de-1881-revisitada-2515740.html> (13.02.2018).
- Schutz, A. (1962). *The phenomenology of social-world*. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Schutz, A. (1976). *The well-informed citizen. In: Collected papers. Vol. II. Studies in social theory*. The Hague: Martinus Nijhoff.

8. Anexo: A Expedição de 1881

Pinto, Helena Gonçalves, A expedição científica à serra da Estrela de 1881 revisitada

In Diário de Notícias 13 DE MAIO DE 2012

“1 de Agosto de 1881. Pelas 20 horas e 15 minutos, partia da Gare do Norte de Lisboa (Santa Apolónia) um grupo de 42 expedicionários entusiásticos com a expectativa de uma viagem exploratória à serra da Estrela, região ainda desconhecida, selvagem e, em grande parte, desabitada, que encerrava em si mistérios e mitos. Partiram sob a aclamação calorosa de numerosa assistência, de representantes do Conselho de Ministros, do presidente e do primeiro secretário-geral da Sociedade de Geografia de Lisboa, do director e de alguns lentes da Escola Médico-Cirúrgica e de um grande número de membros da imprensa e das escolas superiores. Partiram enérgicos, sabendo que iriam defrontar as forças dos elementos naturais e não as feras de África. As vinte e três carruagens transportavam homens agasalhados com camisolas de flanela, casacos de Inverno, duas mantas inglesas e, ainda, botas de tamanho descomunal. Eduardo Coelho, o correspondente e diretor do Diário de Notícias, ironizava, escrevendo já a partir da serra, que era “toda a lâ de um rebanho em cima de nós! Pôr sobre isto revólver, para lobos, toucinho para as víboras”.

Presidida por Hermenegildo de Brito Capello, experiente explorador nas terras de África, a ideia da primeira expedição (1881) teve origem no ano anterior, a 5 de julho, como projeto singular multidisciplinar, com orientação científica (pura e aplicada), com o objetivo de auxiliar o progresso das ciências médicas em território português. A proposta foi apresentada à Sociedade por Luciano Cordeiro, sob iniciativa de Luís Feliciano Marrecas Ferreira, contando com a entusiástica e esclarecida argumentação científica de Sousa Martins, “que pretendia instalar sanatórios na serra para tratar os tísicos portugueses”.

A serra da Estrela, na época também designada de Hermínio, era uma região cujo fascínio levou a que, algumas vezes, fosse percorrida por pequenos grupos motivados pela aventura e pelas suas singularidades, levando-os a entrar em territórios desconhecidos para observar “as alagoas ou poços, a célebre montanha dos cântaros, o pomar de Judas, e outras celebradas raridades geológicas”, muito sugestionados pela expedição que os especialistas em história natural, botânica e mineralogia, Link e Hoffmansegg, realizaram no século anterior, ou mesmo pelas descrições de J. Rivoli, em *Die Serra da Estrela*.

Um dos Objectivos imediatos da expedição de 1881 foi o de estabelecer o posto meteorológico, um dos primeiros da Europa. O programa para esta instalação foi cuidadosamente preparado por Sousa Martins, já que as ciências médicas trabalhavam, inovadoramente, nas áreas prospectivas das patologias das altitudes, climatologia médica, flora aplicada à farmacopeia e meteorologia, as quais certificaram a instalação mais tarde da Estância Sanatorial.

A Comissão Organizadora conseguiu o apoio político do Governo, e os municípios seriam decisivos para a concretização da expedição, sem o qual não teria sido possível a Sociedade de Geografia de Lisboa promover um projecto desta envergadura, que duraria 19 dias, com cerca de 100 homens, os especialistas idos de Lisboa, Coimbra, Porto e Guimarães e os das localidades da serra para trabalho auxiliar. Seguiram para aí laboratórios completos, com os equipamentos e instrumentos científicos de cada secção especializada, alguns deles construídos e adquiridos expressamente para a missão. A Estrela foi objecto de estudo, tornou-se laboratório e teve a maior concentração multidisciplinar de cientistas até à actualidade em Portugal.

Os expedicionários apenas transportavam uma diminuta bagagem de mão, podendo incluir alguns objectos pessoais e géneros selectos para consumir nos quinze dias de estada na montanha e, ainda, um bordão para os caminhos difíceis. No abarracamento da cumeada da serra, cada expedicionário encontraria uma maca de bordo e duas mantas, para cama; uma bacia de

barro para lavagem; uma marmita para ração de cozinha; um cantil para ração de vinho.

Havia um regime alimentar rigorosamente militar, e todos à partida foram prevenidos: “Que os gastrónomos, se alguns vão, não criem ilusões. Hão-de contentar-se com um singelo rancho e rações. Às horas determinadas, salvo as indicações e conveniências de estudo: há as clássicas marmitas e cantinas. Um cozinheiro foi contratado em Lisboa e três ajudantes na Guarda.

Haverá alvorada e silêncio a toque de corneta.” Uma agressão violenta para cientistas citadinos, atenuada pelo espírito de missão.

Todos os dias chegavam notícias a Lisboa. O Diário de Notícias fazia um relato pormenorizado passo a passo, com as informações dos telegramas postais e das crónicas de Eduardo Coelho enviados de Seia. Os telegramas rececionados na Redacção eram colocados à consulta de outros periódicos nacionais.

Os dias sucedem-se, os expedicionários percorrem a pé vários quilómetros, vencendo desfiladeiros e gargantas serranas. Apenas sossegam quando dormem de noite. Num ambiente de alegre camaradagem, as diferentes secções consomem o tempo, pesquisando, recolhendo, medindo e fotografando os elementos. A secção médica destacava-se, pela concorrência de visitantes, pelos instrumentos científicos e pela singularidade de Sousa Martins que, de barrete verde de campino - nasceu em Alhandra -, fazia clínica, observações, experiências e cirurgias aos aldeões que a ele se acercaram.

As excursões apresentavam-se surpreendentes, sobretudo a das lagoas, com a desmistificação da lagoa Escura, antes imaginada sem fim, a comunicar com o mar. O grupo ficou extasiado pela posição das mesmas, “separadas uma da outra por uma faixa de granito de alguns metros de extensão, contornada por zimbros formosos”, num cenário de uma beleza notável, e sem “monstros do abismo e o mouro encantado”, figuras que evadiam a imaginação dos cientistas antes desta experiência pioneira. O grupo estava maravilhado: o horizonte parecia infinito...”

A PARTICIPAÇÃO CRIATIVA DO DESIGN COMO POTENCIADOR DA CULTURA E PATRIMÓNIO

Jorge Brandão Pereira

Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

jmpereira@ipca.pt

Resumo: A cultura do design é um tema presente na discussão da cultura em geral e nas suas relações com a criatividade, as organizações e os cidadãos. Reconhecendo o design como potenciador para a interpretação da estratégia comunicacional, o presente artigo desenvolve o estudo da cultura do design ampliado para as esferas económica, cultural e patrimonial.

Sustenta-se que o design e os *media* digitais fazem parte da contemporaneidade social, cultural e económica e a sua emergência e visibilidade são reconhecidas na cultura digital como oportunidade para explorar possibilidades de preservação e disseminação de heranças culturais através dos meios digitais e das ferramentas multimédia.

A cultura da participação e os *media* digitais participativos são a interface entre design, património e cultura, com base no seu território. Possibilitam o envolvimento sócio-cultural dos cidadãos com o design e criatividade, onde ao participarem na construção do conhecimento criam conexões que definem esta cultura. Neste sentido, desenvolve-se a apresentação dos estudos de caso *Stories of Chairs* e *Sete Palheiras*.

Este território simbólico constrói abordagens semânticas e contextuais sustentadas num caminho coletivo que desenvolve estratégia, comunicação e participação.

Palavras-chave: Design, *Media* digitais, Cultura local, *Stories of Chairs*, *Sete Palheiras*.